

Clube Jaguareense em Jaguarão RS – Década de 1940 até o seu desfecho em 1975: O salão da Casa-Grande

Alan Dutra de Melo¹

Resumo

Este trabalho apresenta um recorte sobre o Clube Jaguareense em Jaguarão RS, trata-se das últimas décadas de funcionamento da entidade, tendo em vista a sua fusão com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul em 1975. Trata-se de trabalho desenvolvido sobre a entidade em questão, desde a sua fundação em 1881 e entidade antecedente criada em 1852. A metodologia utilizada foi a qualitativa à partir da análise sobretudo de jornais e documentos da entidade. Os resultados alcançados demonstraram o valor da entidade como monumento, documento e suporte de memórias. Especificamente neste trabalho é destacado o caráter da entidade como marcador racial na sociedade brasileira, tendo em vista a impossibilidade de contar com pessoas negras como associadas no período estudado.

Palavras-Chave: Clube Social; Clube Jaguareense; Racismo.

1. Introdução

O presente recorte é parte do trabalho de tese desenvolvido pelo autor em Jaguarão RS, trata-se de estudo que tratou da Sociedade Recreação Familiar Jaguareense, fundada em 1852 com desfecho em 1881 para dar lugar ao Clube Jaguareense, cujo desfecho formal ocorreu em 1975, quando ocorreu a fusão com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, criando ao final a Associação Cruzeiro Jaguareense que ainda existe na atualidade.

O recorte trazido aqui remete as últimas década de funcionamento do Clube Jaguareense em Jaguarão, cidade localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, e que faz fronteira com o Uruguai, através do município de Rio Branco no Departamento de Cerro Largo. Destaca-se que a metodologia utilizada foi a qualitativa, sobretudo com a análise dos jornais e documentos da entidade estudada.

O clube social pode ser considerado ao longo da pesquisa realizada como documento, monumento e suporte de memórias, e aqui ressalta-se o aspecto marcante racial da associação, pois durante o período estudo ainda não aceitava como associados pessoas negras, portanto em grande parte do século XX tratava-se em certa medida do “salão da Casa-Grande”, portanto, local frequentado pelos herdeiros da sociedade desigual e escravagista vigente no século XIX, momento da sua fundação em 1881.

A seguir, segue alguns tópicos que envolvem as últimas décadas do Clube Jaguareense, começando pelas lembranças ao seu fundador na década de 1940, em seguida são mostrados

¹Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural; Professor Adjunto II, Universidade Federal do Pampa; Câmpus Jaguarão; Rio Grande do Sul; Brasil; alanmelo@unipampa.edu.br.

elementos marcantes na década de 1950, como as orquestras e a diretoria feminina, após nos anos de 1960 foi identificado um período denominado como de declínio da tradição e por fim, algumas atividades tendo em vista o desfecho da entidade em 1975.

Trata-se de um recorte em diálogo com o debate realizado no Seminário Integrador realizado ao final do ano de 2020, atividade promovida pela Universidade Federal do Pampa, através do curso de Tecnologia de Gestão de Turismo sediado em Jaguarão RS e o curso Técnico em Hospedagem do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, ministrado em Bento Gonçalves RS. Para saber mais sobre as posições do autor sobre a temática que envolve o patrimônio cultural na atualidade, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=buTh0_3a8Fg.

2. Década de 1940: festa da saudade ao fundador Conselheiro Henrique Francisco D'Ávila.

Segue, o registro sobre a Festa da Saudade! Única menção encontrada do fundador no século XX, no aniversário de 66 anos, celebrado em 1947 foi inaugurado um retrato do primeiro presidente, o Sr. Conselheiro Henrique Francisco d'Ávila. No ano de 1947 aconteceu a “Festa da Saudade” para homenagear os precursores da entidade, inclusive com a realização de uma romaria ao túmulo dos fundadores. Na ocasião, foram convidados os descendentes de d'Ávila, e foram citados: “Sr^a José Bertaso, Vva. Dr. Ávila Silveira, Teodora Ávila Palmeiro, Maria Luiza Ávila Boher, Maria da Glória Ávila Oliveira, Cândida Ávila Matos, Conceição Ávila, Villaboim e sua neta e Vva. José Luiz Terra, residentes em Porto Alegre, Pelotas, Rio de Janeiro, São Paulo e nesta cidade” (A FOLHA, 31 de julho de 1947).

Na homenagem a d'Ávila no dia 14 de agosto de 1947, o orador resgatou palavras do homenageado no senado, proferidas em 12 de junho de 1883. Ao lembrar das palavras de d'Ávila, o orador resgata um dos seus ideais: “foi sempre meu intento conservar-me na posição de Vereador da Câmara municipal de Jaguarão, persuadido, como hoje ainda estou de que da grandeza do municipalismo é que se formará a verdadeira base da grandeza da pátria”; destacou o advogado Wilson Alves Chagas, orador dessa ocasião e procurador dos familiares convidados, tecendo o discurso em agradecimento à homenagem realizada (A FOLHA, 28 de agosto de 1947).

A nota ainda diz que, segundo o jornal A FOLHA de 28 de agosto de 1947, “[...] a cortina que velara a imagem foi descerrada por Esther B. Dutra, esposa de Arnaldo Dutra”, ocorreu também distribuição de brindes entre os presentes, cortesia do comércio local: casas A joia, casa Aspiroz, casa Moderna, Lino e Angelito. Após, o tenente Cleber Bastos interpretou o noturno de Chopin ao violino, Jorge Abel Neto, professor local, recitou uma

poesia, assim como outros presentes cantaram e, por fim, a festa seguiu com o Maestro André Raffo. Na ocasião, o presidente era Enio Rioval Ferreira. Em outra matéria, sobre o mesmo fato e dia, o jornal reproduziu o discurso do orador oficial do 66º aniversário, Homero Valquirio Pereira, trouxe mais nomes que deveriam ser reverenciados pela fundação, como: Antônio Amâncio Nogueira, Pedro Frederico Rache, Monoel Cardoso Bonifácio Brum, Joaquim Correa, José Julião Rodrigues, Dr. Dorval Rodrigues Faria e Dr. Eurídio Artur Ferreira. Após, tem-se conhecimento sobre um fato novo: que o Jaguareense teria sido fundado na casa onde residiria, na época do discurso, em 1947, a senhora Magdalena Soares – não foi possível identificar nesse momento onde fica esta residência; e reiterou sobre a sua abertura em 1898, esclarecendo o dia, 4 de dezembro de 1898, foi festejada a instalação e, portanto, a inauguração da sede central com um “deslumbrante e notável baile” após a construção do salão e reedificação do edifício. (A FOLHA, 11 de setembro de 1947).

Após, a pesquisa se depara com uma reunião do Rotary, datada do ano de 1947. O Rotary é uma associação voltada para a realização de atividades associativas com fim filantrópico. Sua fundação no plano internacional ocorreu na primeira década do século XX, nos Estados Unidos da América, cujas atividades, no Brasil, começaram em 1923. Em Jaguarão, suas atividades foram iniciadas em 1941. Do exposto, recordando o narrado por Cordeiro de Farias (1981) sobre a limitada capacidade associativa da fronteira como um todo, quando foi interventor do Estado do RS, pareceu importante identificar essa movimentação como uma ampliação na participação da sociedade civil na cidade, e articulada com outras localidades, sejam no Brasil, ou no exterior. Não é o objetivo do trabalho pormenorizar o Rotary, mas identificar a sua presença no Jaguareense, reiterando a sua utilização não só como espaço lúdico e recreativo, mas como um ponto de encontro da sociedade civil, salão para discussões de interesse público.

3. Década de 1950: Tempo das orquestras e diretoria feminina

Ao analisar outra fonte, um estatuto de 1951, destacam-se alguns tópicos, como forma de melhor compreender a entidade estudada. Foram encontradas algumas atividades como: jogos de xadrez, bilhar, damas e outros permitidos por lei, um sarau por mês, a comemoração de aniversário, concertos, festas; além disso, leitura na biblioteca, conforme regulamento da mesma. O sócio poderia propor por suas custas atividades com aprovação do presidente e do diretor do mês. Diz, ainda, que os sócios domiciliados em Rio Branco eram considerados como domiciliados na localidade da entidade.

Esclarece o estatuto de 1951 sobre sócios beneméritos que por mais de 40 anos permaneçam associados, ficariam isentos da mensalidade e, como tal, também ficariam os seus fundadores, sem nunca terem se demitido. O documento também trata do sócio honorário, aquele que por dez anos tenha contribuído para o bem da associação, caso esteja em situação precária, pode solicitar isenção de mensalidade e o sócio remido que pagar o valor estipulado fica isento de mensalidades.

O estatuto estabelecia um valor diferencial, em 50% do valor, caso o sócio remido resida na campanha. Estabelecia a participação eventual de pessoas em curso, como “caixeiros viajantes e representantes comerciais”. Existia previsão no estatuto do pagamento de um valor para entrar na entidade, a joia, depois a manutenção com as mensalidades. Todos poderiam votar e serem votados e manifestarem-se na assembleia geral como local máximo das deliberações. O direito do associado é transmitido a viúva e filhos, enquanto solteiros até os 18 anos. Se a viúva estivesse em situação precária financeira, poderia ser dispensada de pagar mensalidades.

Para ser sócio, o estatuto apontava que seja pessoa de “reconhecida honestidade e tenha educação, precisa saber conduzir-se em um salão de famílias de elevada representação e cultura social”, que seja proposto por um sócio quite. É realizada a proposta, o grupo poderia optar pela nomeação de sindicância, composta por três sócios, secretamente escolhidos pelo presidente. A comissão transmitirá um parecer sobre a capacidade do proponente. Ciente do parecer, a questão será resolvida por maioria de votos da diretoria. A proposta para ser aceita precisaria de 2/3 dos votos.

A proposta recusada não pode ser apresentada na mesma diretoria. Diz, ainda, que haveria no gabinete de leitura um livro para registro dos visitantes apresentados e o sócio apresentante seria responsável pela conduta do apresentado. O apresentado poderia frequentar a associação por até 30 dias.

O sócio que faltasse verbalmente ou por escrito, por atos ou palavras com a devida consideração à diretoria, bem como infringisse os preceitos da boa educação, urbanidade, e cavalheirismo, seria punido com advertência, suspensão ou expulsão. A diretoria resolveria a pena e comunicaria por ofício.

A diretoria do Clube Jaguareense deveria ser eleita em 14 de julho e ser composta de um presidente, um vice-presidente, um secretário, um segundo-secretário, um tesoureiro, um orador, um bibliotecário, doze diretores mensais e seus suplentes. Uma comissão fiscal composta por três membros. Para ser presidente ou vice era necessário ser brasileiro nato, mantendo no mínimo na diretoria 2/3 de brasileiros natos.

A diretoria deveria ser empossada em 14 de agosto. A mesma se reunia uma vez ao mês e teria por obrigação fazer despesas, contrair empréstimos, até o limite estipulado. Compete à diretoria organizar um regulamento interno para boa marcha social e ordem no serviço e vida social. Ao secretário competiria fazer as publicações, avisos, convites na imprensa. O diretor do mês deve fiscalizar manter a ordem na associação e organizar o sarau do mês correspondente à sua gestão. Acresce entre as despesas assinaturas de jornais e revistas autorizadas pela diretoria. Assembleia geral é no dia 14 de julho de cada ano. As votações em escrutínio secreto. Não seria permitido na assembleia fazer alusões insultuosas, nem empregar termos ofensivos a quem quer que seja. A agremiação teria um presidente de honra, eleito entre os beneméritos.

Os salões poderia ser cedidos a pedido dos sócios para bailes, concertos, conferências literárias ou científicas, festas em benefício de ideias humanitárias, ou assunto de interesse geral com aprovação da diretoria, em nenhuma hipótese para tratar de assunto de política partidária ou religioso.

A sua duração é indefinida e para o seu desfecho a assembleia geral tem que contar com mínimo de 3/4 dos sócios. A assembleia deve definir o desfecho dos bens.

Sobre o luto, a associação deveria ficar de luto, hasteando bandeira em funeral por 24 horas, por falecimento de sócio, seus pais, esposa e filhos; se faltar até 10 horas para o início de alguma atividade marcada, ela deve ser mantida. Se for presidente, presidente de honra, e sócios beneméritos, o luto não poderá ser menos do que três dias e as atividades devem ser interrompidas, caso marcadas, independente de faltar 10 horas ou menos. O estatuto foi redigido em 30 de maio de 1947, conforme a comissão formada por Oswaldo de Rodrigues Faria, Paschoal Aimone, José Jacintho Nunes, Virgílio Cândido Ferreira.

Do exposto, dada tradição calcada em um sistema jurídico dependente de leis e códigos escritos como forma de dirimir conflitos sociais, é possível compreender o seu funcionamento, a partir desse estatuto, editado em 1951 como base no aprovado em 1947. Conforme exposto acima, cabe destaque o perfil de sócio desejado, que fosse de “reconhecida honestidade e tenha educação, além de saber comportar-se em um salão de famílias de elevada representação e cultura social”.

Primeiro vem a honestidade, entendendo o mandamento no seguinte sentido, uma vez sócio, logo poderia ser da diretoria e lidar com dinheiro alheio, ou seja, de todos, exigiria este como o primeiro requisito fundamental. Após, educação e saber comportar-se, na época, uma disposição culta para integrar e aceitar a normas da entidade, em verdade um tempo mais disciplinar, seria uma atenção à tradição, ao posto pelos dirigentes.

Ressalta-se que o salão era familiar, tal como outrora, ou seja, o lugar de diversão das famílias, principalmente sob as atenções e cuidados de um patriarca. Denominam-se como de “elevada representação e cultura social” os extratos mais proeminentes, percebidos como superiores; representação mantida com esforço e dinheiro, pois para bem representar não basta dominar os códigos, é preciso investimento para a produção da distinção.

Por fim, o estatuto solicita ao apresentado “a cultura social”, vista como característica relevante que remete à capacidade de compreensão da cultura clubística como forma de representação social legítima, sob o ponto de vista moral, modelar para a sociedade. Para participar do grupo eram recrutados, sobretudo, os que tivessem recursos financeiros e simbólicos para melhor projetar a entidade. Daí surge, uma vez mais, a ideia de a entidade funcionar como “banco social”, um espaço privilegiado para trocas simbólicas.

Nesse local, recebiam os associados, sobretudo, para valorizar a entidade a cultura clubística. Ser sócio em outra associação, dependendo de qual fosse, seria um ponto positivo para o ingresso; jovens, alcançando a maioria, frequentando o espaço, como dependentes é outro ponto. Um traço dessa modalidade associativa é o seu caráter fechado que, por um lado, garantia a sua sobrevivência evitando conflitos e, por outro, corria o risco de caso fosse fechado em demasia gerar a monotonia e o desinteresse dos associados.

Em 1955, ano do centenário de elevação à cidade de Jaguarão, realizou-se no Jaguareense um concerto de piano com “a jovem e inteligente musicista Srta. Malvina Tadéo Lomia” (A FOLHA, 07 de maio de 1955). Também diz na nota que a mesma faria uma apresentação no Teatro Esperança. Deixa-se o registro de que, observamos este procedimento, de o artista passar no teatro, mas também nas agremiações sociais, como se fosse um *petit comité*, onde, artista e os associados poderiam manter um contato mais íntimo.

Buscou-se a programação do centenário da elevação de Jaguarão de vila à cidade no Jaguareense e foi encontrado o seguinte: dia 20 de novembro às 22h30min: um baile gauchesco no Jaguareense, promovido pelo Centro de Tradições Gaúchas Rincão da Fronteira. Considera-se a atividade coerente por serem ambas as agremiações, o Clube e o CTG, provenientes dos estratos da elite local, especialmente neste momento em que o Rincão da Fronteira ainda não possuía sede própria, inaugurada somente em 1962 de acordo com Daniel Faria de Andrade (2015). Nesse momento, as instituições não são diretamente concorrentes e sim complementares (em verdade atuam em simbiose), mas reitera-se a posição de que, com o passar do tempo, ocorre diminuição da importância do clube social e valorização do CTG. Ainda sobre a programação do centenário em 1955, houve mais uma atividade no Jaguareense, dia 23 de novembro, quando foi realizado um baile (traje a rigor) com apresentação de um

número pelo Centro de Confraternização Jaguareense. Constam na programação oficial atividades realizadas pelo Clubes Harmonia e o Caixeiral, mas não o Clube 24 de Agosto.

Em 1956 (A FOLHA, 02 de junho de 1956) publica nota para atividade assim descrita “o tradicional e aristocrata Clube Jaguareense realizará no dia 23 deste grande Baile de São João [...] contactou a afamada orquestra Guarany, composta por onze figuras, que apresentará [...] elementos da conhecida orquestra do maestro Rochinha de Pelotas”. Destaca-se a referência honrosa, elogiosa ao recebimento de elementos da orquestra Rochinha, citada por um dos entrevistados, Aldyr Schlee, quando lembrava que o maestro Rochinha, tendo um custo maior, normalmente tocava mais no Harmonia.

Encontrou-se nas memórias de José Paulo Pinheiro Tarnac da Rocha, filho do Maestro Rochinha a sua participação nos bailes da cidade pois atuou na orquestra de seu pai entre 1952 e 1962 (SOARES, 2010, p. 133). Assim descreve sua emoção ao lembrar que no final das suas apresentações seguiam tocando até a praça, onde encontrava o rival e terminavam a atividade em conjunto. Conforme segue.

[...] Uma das mais gratas lembranças era quando, para acabar o baile, a orquestra descia para a rua, para a praça, com todo o mundo nos seguindo, e o baile continuava na praça, por quase uma hora. Mas não era só isso, não [...] a orquestra que estava tocando no Clube Jaguareense também fazia o mesmo. Então as duas se juntavam e os carnavalescos das duas sociedades rivais se misturavam, era emocionante. Até agora, relembro, fico arrepiado, com um nó na garganta e lágrimas nos olhos. Olha, toquei numa infinidade de cidades, tive momentos de extrema felicidade, inesquecíveis, mas sempre guardo um carinho muito especial por Jaguarão. (SOARES, 2010, p. 133)

Mais adiante, no banco de dados, encontrou-se nota sobre a Biblioteca do Jaguareense, que foi desativada para servir a outras finalidades. Ao conversar com Ubirajara Isquierdo, presidente na fusão com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, lembra que a biblioteca possuía pouca procura e que, inclusive, teria disponibilizado um funcionário para que ela estivesse mais acessível.

No entanto, segundo relatou Isquierdo, foi em vão, pois não havia procura. Ao que parece, a sua função também foi minguando com o passar do tempo, tendo em vista a existência de outros acervos com a formação das escolas e, mais tarde, da constituição de uma Biblioteca Pública na cidade, inaugurada em 1968.

Dessa forma, segundo Cláudio Rotta, na década de 1980 o Instituto Histórico e Geográfico se propôs a fazer o salvamento da mesma, não conseguindo aproveitar todo o material pois uma parte dele foi perdido devido à humidade do porão, onde os livros estavam armazenados. Em 1987 os seus livros foram cedidos ao Instituto. Segue nota, destacando a situação, pujante em 1956.

Clube Jaguareense. (biblioteca). A biblioteca do Clube Jaguareense administrada pelo seu bibliotecário Sr. Clodomir Maciel filho, continua desempenhando sua nobre altruística missão, sendo na atualidade, considerada a maior e mais importante da cidade, contando com 882 obras catalogadas num total de 1200 volumes. A referida biblioteca pode ser considerada de indiretamente de utilidade pública por intermédio dos associados do Clube. Conta com assinaturas das revistas da semana, Manchete, O Cruzeiro e Visão, além dos jornais, Correio do Povo, Diário de Notícias, A Hora e A Folha. Continua recebendo doativos de livros, destacando-se entre os últimos o que traz como título “Tu Podes Melhorar o Mundo” remetido pela nossa conterrânea Sr^a Heloisa Maria Dias de Mello, residente em Porto Alegre, cuja tradução para o nosso idioma foi executada por essa nossa talentosa Patrícia. A citada doação possui ainda o autógrafo da tradutora. (A FOLHA, 07 de julho de 1956).

Sobre a necessidade de modernizar a entidade, veja-se nota (A FOLHA, 1º de setembro de 1956) que aponta o recebimento uma proposta de uma companhia imobiliária assinada pelo Dr. Arnaldo Ferreira com o objetivo de erguer uma ampla e moderna associação, agregando um cinema e apartamentos. A proposta não prosperou, mas o Dr. Adílio Barreiros, presidente de honra, solicitou que fosse guardada e levada para estudos mais minuciosos, inclusive pensando em chamar outros concorrentes para “resguardar o clube de futuras acusações, visto o caso de não aceitar, a presente, o mesmo iria dispor de grande área edificada em seu **sagrado patrimônio** [grifo do pesquisador]”. Portanto, é relevante esse olhar para as possibilidades de ampliação das receitas dentro dos limites que a entidade pudesse suportar sem a sua desfiguração.

Depois, ainda em 1956, identifica-se um baile em Homenagem aos formandos do Ginásio Estadual e Escola Técnica do Comércio com uma orquestra Jazz e Típica de Melo, no Uruguai, capital do Departamento de Cerro Largo. Aqui, novamente, evidencia-se o caráter da associação como Salão Municipal, atendendo à comunidade local. Embora seja privado, a agremiação possui caráter de uso público, mesmo que eventual (A FOLHA, 8 de dezembro de 1956).

Em 1958, conforme o mesmo jornal, toma posse uma diretoria feminina, denominada de “Sociedade de Damas do Jaguareense” e, logo em seguida, realiza um baile no sábado, dia 13 de setembro. A eleição foi realizada no dia 22 de agosto em sessão presidida pelo presidente, professor Stefano Roncato. Esclarece a nota que o objetivo da mesma é “[...] congregar as sócias e suas famílias de maneira a intensificar a vida social do Clube e alastrar a amizade que deve haver num grupo social”. A seguir passou para a composição do “Quadro de honra” as seguintes damas: Ondina Marques, Ondina Cassal, Baronesa Tavares Leite; Presidenta de Honra, Sr^a Esther B. Dutra; Presidenta: Antonieta Loder; Vice-Presidenta: Inge Roncato; 1^a Secretária: Neli dos Santos Miranda; 2^a secretária: Eny Peña; 1^a Tesoureira: Maria Lipolis; 2^a Tesoureira: Luci Olios; 1^a Bibliotecária: Alda C. Ferreira; 2^a Bibliotecária: Gilca Salomão; Oradora oficial: Diva Alves de Souza.

4. Década de 1960: O declínio da tradição

Em 1960 é anunciada a vinda da “Comander espetáculos”, de São Paulo, a famosa orquestra, com 22 figuras, contratada para as festividades do seu aniversário, em comemoração aos seus 79 anos. Conforme A Folha, a referida orquestra estaria sendo ouvida como sucesso na Rádio Nacional do Rio de Janeiro (A FOLHA, 09 de julho de 1960). O baile foi no dia 14 de agosto, um domingo, quando seria empossada a nova diretoria. Na mesma edição, segue nota sobre atividade das Damas do Jaguareense, comunicando que realizariam duas reuniões semanais, quarta-feira às 20h e sábado às 16h, e que, neste mesmo mês, haveria reunião dançante para os filhos dos sócios.

Na edição de 10 de setembro aparece mais uma nota sobre as Damas do Jaguareense, dirigida sob a presidência da Exma. Sra. Antonieta O. Loder. As Damas resolvem comemorar o seu segundo ano de fundação com várias festividades no dia 05 de outubro, com baile com a orquestra do argentino Miguel Caló (A FOLHA, 10 de setembro de 1960). Na nota ainda dizia, “com suas afamadas artistas realizara um atraente show”.

Também nas edições de 1960 encontrou-se menção ao baile da primavera, a ser realizado no dia 19 de setembro, contando com presença da orquestra Marajá, de Porto Alegre. Na ocasião, destaca-se que o baile seria oferecido pelo CTG Rincão da Fronteira e os trajes poderiam ser típicos (A FOLHA, 21 de agosto de 1960). Após o evento, é destacado que a “[...] inverno dirigida por Breno Timm apresentaria uma série de danças tradicionais”. (A FOLHA, 24 de setembro de 1960).

Na edição de 12 de agosto, registrou-se a diretoria eleita nos 80 anos da entidade: presidente o Sr. Adílio S. Barreiros, Presidente de Honra; Arnaldo Dutra Presidente; Alípio Dutra da Silveira Vice-Presidente. (A FOLHA, 12 de agosto de 1961). O jornal menciona que, dentre as extensas comemorações, está previsto o baile para o dia 14, começando no domingo 13, onde será sorteada uma bandeja de prata à meia noite do dia 14, nela gravado o nome do Jaguareense e a respectiva data.

Seguindo a programação, no dia 14 ocorreria o hasteamento da bandeira da agremiação às 11h e às 18h ocorreria missa na Matriz do Divino Espírito Santo, em memória aos falecidos sócios. Às 20h do dia 14, aconteceria um jantar comemorativo. Assinaram a nota: Major Walter Lima, Alípio Dutra e Antônio Acunha. Após, toma-se conhecimento que Antônio Echevengua ganhou a bandeja (A FOLHA, 26 de agosto de 1961) e a orquestra que animou o grupo durante a festa foi a Golden Start. Esse é o último momento que realizou-se

uma missa aos sócios falecidos, de modo que parece ser o limite do que a tradição conseguiria impor, pois, que deste momento em diante, as rupturas vão se aproximando da entidade.

Em 1964, os tempos eram outros, para o país e no Jaguareense, em função da intervenção militar que depôs o Presidente da República, João Goulart. E coincidentemente ou não, aparece pela primeira vez (no trabalho), uma manifestação contrária à chapa em exercício. Até o momento, parecia que, na grande maioria das vezes, a eleição da entidade foi resolvida por consenso, mas, agora, não mais. Encontrou-se um protesto de algum grupo emergente que se manifestava contrário às práticas anteriores. Diz a nota que a eleição estava anunciada, mas chegava hora de que o maior número de sócios estivesse presente para “[...] apresentando sugestões relativas, procurando revezar elementos para evitar a velha praxe da CHAPA OFICIAL e reeleições” (A FOLHA, 9 de julho de 1964). Reproduziu-se em caixa alta e sublinhando conforme publicado no jornal. Também percebe-se que neste período de mudanças desaparecem as Damas do Jaguareense.

Nos registros de uma das entrevistas realizadas por Selbach (2017), um dos seus entrevistados, que, embora não nominado, possa ser identificado como uma pessoa bastante conhecida na cidade, a afirmação de que este entrou para o Jaguareense na década de 60 e, nesse mesmo período, ingressou na diretoria devido à necessidade de renovar a entidade no sentido geracional.

Ao que parece, o Jaguareense e suas tradições se mantiveram até 1961, marco dos seus 80 anos. Após, ocorreram renovações que mais tarde culminaram em outra entidade que, embora em algum aspecto fosse a mesma, era muito diversa – Associação Cruzeiro Jaguareense.

Em 1968 depara-se com o tema da ligação com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, dizia a pauta: “[...] solicitar licença para fazer a fusão do Clube Jaguareense com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul”, assinado pela diretoria em 16 de julho de 1968 (A FOLHA, 27 de julho de 1968).

Retornando ao tema da biblioteca do clube, em 1969, Lothar Hessel, vai publicar artigo no jornal Correio do Povo, em 08 de janeiro, de acordo com Soares (2010, p139-141), sobre a cidade, e cita que as bibliotecas dos clubes sociais de Jaguarão, dentre as quais estava a do Jaguareense, deveriam ser salvas, por seu valor histórico, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, ou se fosse criada uma nova instituição para acolher todas as bibliotecas dos clubes, ou ainda, aventa que a Biblioteca Pública recém concluída, poderia acolher estas preciosidades, segundo o autor, para “que preserve essas bibliotecas das mandíbulas dos carunchos atuais para os olhos dos jaguareenses do futuro”.

Em 1969, há chamada para atividades em setembro, a qual menciona que no dia 20 seria comemorado o baile farroupilha, como o grupo Excelsior de Porto Alegre e no dia 21 a inauguração da boate social com a participação da JUJA. A nota destaca que ocorreu uma remodelação do interior da entidade, destacando o empenho para alcançar o novo. Aqui, aparece a expressão JUJA, que será o grupo de jovens do Clube Jaguareense. A inauguração da boate também apresenta o recorte geracional, com espaço reservado para as modas mais atuais. Não se tem certeza se é nesse momento que a boate vai ocupar o espaço outrora utilizado pela biblioteca, mas é possível que sim (A FOLHA, 06 de setembro de 1969).

5. Década de 1970: Desfecho do Clube até a sua fusão com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul

Sobre essa década foram feitos breves apontamentos em direção ao fato principal que estaria por vir, a ligação com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, clube de futebol, fundado em 1924. Nessa década, ambas as entidades passam por dificuldades para a sua manutenção e expansão, de modo que ocorre a união, ampliando a oferta de atividades, especialmente a esportiva. Um dos entrevistados, Sr. Paulo Rotta, destacou que o declínio do futebol acompanhava o avanço da televisão, especialmente a partir desse período, visto que com tantas partidas mais interessantes na televisão o público dos estádios locais foi diminuindo. Segue, nota, datada em 1970, que trata da apresentação do conjunto “The Dizzies” na associação, grupo de Pop Rock da cidade de Rio Grande RS.

Na mesma nota é abordado que a rainha era Carmem Vieira e, na oportunidade, “teve muita champanha”, com o jargão de coluna social sobre a rainha “esbanjando charme em uma festa maravilhosa que se prolongou até a madrugada”. Circulando pela festa estavam: Jacinto e Wanta Ferreira, Arnoni e Maria Helena Lenz, Rudy e Ayr Sheibert entre outros casais. Também estavam presentes: Danilo Larrosa e Eliane Wortman, Ernani Wxel e Elaine Nunes, Mara Carneiro, Adelia Vencato, Ligia Moura e Ivone Silveira. A coluna no jornal estava denominada como “badalação”, assinada por Dania Pool (A FOLHA, 10 de janeiro de 1970).

Em seguida encontramos a diretoria que vai manter a aproximação com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul e, portanto, a última diretoria que atuou no Jaguareense (A FOLHA, 1º de setembro de 1973). Assim foi constituída a última diretoria do Jaguareense, para o biênio 1974-1975.

Presidente: Sr. Ubirajara Isquierdo Vice-Presidente: Sr. José Jacinto Ferreira
Secretário: Sr. Joaquim Pinto Moraes 2º Secretário: Sr. Francisco Borges de
Quadros Tesoureiro: Sr. Rui Antônio Carrara 2º Tesoureiro: Sr. Cleber Pinto
Bibliotecário: Sr. Clodomar Pereira Maciel Orador: Sr. Joaquim Pinto Moraes
Diretores: Srs. Claudino Neves Sobrinho, Ernesto Ledesma, Walmir Gonçalves, Aly

Euridio Py, Eral Quadro, Oscar Emíldio Garcia, Walter Lima, João Carlos Pereira, Carlos L. Knorr, Leocadio Ledesma, Dirceu Abud Squeff, Teodoro Souza da Silva, Darcy Minuto Gaubert, Eloy Conde Chocho, Ismael Adão Duarte, Ubirajara Echevengúá, José ariano Araujo, João José Laborda Sicco, Acylino Lopes de Moura Gonzaga Silva, Olímpio Echevengúá, Antônio Acunha, Rui Fernando Amaro e José Fernando de Casto Monteiro. Conselho Fiscal: Sr. Carlos Gomes Figueró, Sr. Jaime Guaracy Cassal, Sr. Virgílio Candido Ferreira. (A FOLHA, 1º de setembro de 1973)

Em 1974, em nota na coluna badalação, assinada por “Quetza”, era destacada a ida aos clubes no réveillon somente a partir da 01h30min, no mesmo sentido apontado por Rotta, que a partir da década de 1970, não era comum esperar o ano novo no clube, como ocorria outrora, reservando o ano novo ao espaço familiar. Nesse sentido, são oportunos os apontamentos de Richard Sennett (2014) quando em seu estudo aponta o declínio do espaço público em detrimento do privado. Diz a nota.

O Jaguareense estava com uma decoração fabulosa na base do colorido bem própria para um grito de carnaval. Parabéns ao Sr. Ubirajara Isquierdo, distinto presidente, pelas inovações. E parabéns também à sua senhora, Cândida que revelou-se ótima anfitriã e animada foliona. A turma jovem estava lá. (A folha, 5 de janeiro de 1974).

Durante o ano de 1975, é localizada nota no jornal A Folha, datado em 10 de maio, com uma convocação para uma assembleia geral extraordinária, assinada pelo presidente, Ubirajara Isquierdo, em 28 de abril de 1975. Na ocasião, uma das pautas era: Discussão e aprovação da fusão do Jaguareense com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, para ser discutida no dia 15 de maio de 1975, com primeira convocação às 20h.

Ressalta-se que durante o trabalho, no ano de 2017, foi realizada entrevista com Ubirajara Isquierdo; menciona que na época a ligação parecia vantajosa para ambas as entidades e assim, trabalhou para que tal pudesse ser aprovado em ambas as associações. Conta que, nessa conjuntura, a entidade era composta por cerca de 300 sócios e o ganho patrimonial foi relevante, sobretudo com o ingresso da área campestre, pois a partir daí pode contar com uma piscina de verão.

Foi comprovada na pesquisa a força que o time de futebol, o Esporte Clube Cruzeiro do Sul – fundado em 1924 – tinha na época e, desse modo, parece que provavelmente esse possa ser um dos motivos, de até recentemente na sede central – antes da sua venda, estarem expostos apenas os presidentes a partir da ligação entre as agremiações. A Associação Cruzeiro Jaguareense foi implantada na sua literalidade, desse modo, não se comemoraria mais o aniversário como de costume, em agosto. Emblemático é o centenário em 1981, lembrado

apenas por Rotta quando produziu um artigo acadêmico, publicado em Jaguarão e depois no Correio do Povo na capital. Encontrou-se um fenômeno oposto ao do Harmonia, que apesar da união com um clube de futebol, o Jaguarão, manteve a sua identidade referente aos marcos da sua fundação na penúltima década do século XIX.

Sobre o Jaguareense, Isquierdo, em sua entrevista, destacou que após 1975, ao terminar a sua presidência, deixou de participar das atividades, visto que havia separado da sua esposa, o que moralmente o impedia de seguir frequentando a agremiação. Inclusive, esclarece que procurou resolver tal fato pessoal, somente depois que deixou a presidência da entidade. Em suas memórias, lembrou dos clubes dentro do processo de estratificação social da cidade, quando ele, na época servidor público, bancário, pode ingressar nos quadros sociais do Jaguareense, ao contrário do seu pai, que em período anterior teve o pedido de associação negado por ter o ofício de ferreiro.

Sobre a época, pós 1964, com o governo dos militares, Isquierdo afirmou que os mesmos tinham uma mesa reservada no Jaguareense, para acompanharem as atividades. Apontou esse período como um tempo sem maiores liberdades para as mulheres. Especificamente, sobre a ligação, Isquierdo diz que o Harmonia, na época, fez uma grande promoção para a captação dos sócios do Jaguareense, fazendo preço especial para a Joia, ou mesmo não cobrando, de modo que, segundo o entrevistado, foram perdidos muitos sócios, embora tenha sido acrescido o quadro social do Cruzeiro.

Assim, ocorreu um reposicionamento da elite local, em direção ao Clube Harmonia, mantendo o Jaguareense como a segunda opção, ou mesmo como um local para os extratos médios da sociedade local, ainda que não se deva esquecer que nessa época algumas pessoas eram sócias em ambas as entidades. E, ainda, que é a partir do próximo período que começariam a ser realizados os bailes para as debutantes no Jaguareense.

6. Conclusões

Do exposto no trabalho em questão foi possível aferir a importância do Clube Jaguareense para o município de Jaguarão RS e a fronteira sul do Brasil, bem como compreender o mesmo como suporte de memória, documento e monumento. Com base no trabalho realizado foi possível compreender a organização de uma entidade social de finalidade social e recreativa fundada no século XIX e que manteve vitalidade durante o século XX.

Nota-se momentos marcantes da entidade em 1961 com a comemoração dos 80 anos, em razão da sua fundação em 1881, e no mesmo sentido aparecem as comemorações de 1947

com a festa da saudade, em memória ao seu fundador, Henrique Francisco Diana, advogado e membro do Partido Liberal (Monárquico) exercendo inúmeras funções ao longo da sua carreira, sendo o último Ministro de Negócios Estrangeiros do Império antes da Proclamação da República em 1889.

Após 1964, muda o país e parece também o Clube Jaguareense, desaparecendo inclusive das notícias uma denominada diretoria feminina, aparecem notas sobre a necessidade de renovação da diretoria, lançando hipótese sobre uma mudança geracional e na tradição, e por fim, o Jaguareense realiza a fusão com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul em 1975, formando nova entidade que existe até os dias atuais, a Associação Cruzeiro Jaguareense.

Com base nas fontes pesquisadas foi possível aferir um pouco da sua organização social, sobretudo analisando o estatuto da entidade aprovado em 1951, entendendo o seu caráter hierárquico e classista da época. Nota-se no decorrer do estudo a ausência de pessoas negras como associadas na entidade, especialmente até fim do estudo em 1975. De acordo com um informante da entidade a associação de associados negros vai ocorrer somente após o ano de 1988, desvelando mais uma face do racismo imperante na sociedade brasileira do século XX, e que em grande medida tem sido debatido na atualidade.

O trabalho ao descrever as festividades do centenário de elevação a vila a cidade, em 1955, não identificou a participação do tradicional Clube Negro da cidade, o Clube 24 de Agosto, fundado em 1918. Assim o estudo não desconhece que identificou ao longo do percurso um Clube Branco, ou seja, em certa medida “O salão da Casa-Grande”, apontando as permanências da sociedade e suas estratificações que remontam ao seu tempo de fundação no século XIX.

Nota-se por fim, certo encolhimento do espaço público que pode ter contribuído para a reorganização dos clubes sociais, face a massificação dos meios de comunicação durante o século XX, primeiro o cinema, depois o rádio e finalmente a televisão, e sobre a biblioteca do clube, com o passar do tempo tornou-se histórica e ociosa, assim na atualidade uma parte do seu acervo repousa sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. O acréscimo em 1975 da piscina e um campo de futebol representou interessante renovação, assim como outras modas que surgiram na época com a boate e organização de grupos jovens como o denominado JUJA.

Por fim, é necessário mencionar que a criação de um Centro de Tradições Gaúchas - CTG na cidade de Jaguarão na década de 1950, ao longo das décadas seguintes ganhou considerável visibilidade e relevância em termos de uma escolha de uma identidade forte

vinculada ao anseios e certo imaginário da elite pastoril. Portanto o CTG, embora tenha começado de modo complementar aos clubes sociais, ao longo do tempo, drenou recursos e prestígio, colaborando talvez em alguma medida para o declínio da sociabilidade existente nos clubes sociais.

Referências:

A FOLHA, Jaguarão, 31 jul. 1947. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 28 ago. 1947. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 11 set. 1947. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 07 maio 1955. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 02 jun. 1956. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 07 jul. 1956. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 8 dez. 1956. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 6 set. 1958. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 09 jul. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 21 ago. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 10 set. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 24 set. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 12 ago. 1961. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 26 ago. 1961. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 09 jul. 1964. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 27 jul. 1968. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 06 set. 1969. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 10 jan. 1970. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 1º set. 1973. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 10 maio 1975. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ANDRADE, Daniel Faria de. *CTG Rincão da Fronteria: estruturação, influência, agentes e tradição na fundação do primeiro centro de tradições gaúchas de Jaguarão*. 2008, 32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Produção e Política Cultural).
Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão.

CLUBE JAGUARENSE. Estatuto. 1951.

CORREIO DO POVO. 16 ago. 1981 *APENAS para lembrar* (Texto de Claudio Rota Rodrigues - p.8). Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

FARIAS, *Osvado Cordeiro. Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias*, Aspásia Camargo, Walter de Góes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MELO, A. D. de. *A Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (1852-1881) e o Clube Jaguarense (1881-1975): entre a história e a memória na fronteira sul em Jaguarão: RS*. Tese de doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Fonte: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2018/12/tese-Alan.pdf>
[acesso em 05/07/2021](#)

SELBACH, Jeferson Francisco; BRUM, Rosemary Fritsch. *Ruralização e viver na fronteira: Jaguarão RS*, Porto Alegre: Animal, 2017.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SOARES, Eduardo Álvares de Souza. FRANCO, Sergio da Costa. (Orgs.). *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

Clube Jaguareense em Jaguarão RS - Década de 1940 hasta su fin en 1975: O Salão da Casa Grande

Resumen

Este trabajo presenta un corte sobre el Clube Jaguareense em Jaguarão RS, se trata de las últimas décadas de funcionamiento de la entidad, en vista de su fusión con el Esporte Clube Cruzeiro do Sul en 1975. Se trata de un trabajo desarrollado sobre la entidad en cuestión, desde su fundación en 1881 y anterior entidad creada en 1852. La metodología utilizada fue cualitativa, basada en el análisis de periódicos y documentos de la entidad. Los resultados obtenidos demostraron el valor de la entidad como monumento, documento y soporte de recuerdos. Específicamente en este trabajo se destaca el carácter de la entidad como marcador racial en la sociedad brasileña, ante la imposibilidad de contar con los negros como asociados en el período estudiado.

Palabras clave: Club Social; Club Jaguareense; Racismo.

Club Jaguareense à Jaguarão RS - des années 1940 jusqu'à sa fin en 1975: O Salão da Casa-Grande

Résumé

Ce travail présente une coupe sur le Clube Jaguareense à Jaguarão RS, il s'agit des dernières décennies de fonctionnement de l'entité, en vue de sa fusion avec le Sport Club Cruzeiro do Sul en 1975. Il s'agit d'un travail développé sur l'entité en question, depuis sa fondation en 1881 et l'entité précédente créée en 1852. La méthodologie utilisée est qualitative, basée sur l'analyse des journaux et des documents de l'entité. Les résultats obtenus ont démontré la valeur de l'entité en tant que monument, document et support de souvenirs. Spécifiquement dans ce travail est mis en évidence le caractère de l'entité comme un marqueur racial dans la société brésilienne, compte tenu de l'impossibilité de compter sur les personnes noires comme associés dans la période étudiée.

Mots clés : Club social ; Club Jaguareense ; Racisme.

Clube Jaguareense in Jaguarão RS - 1940s until its end in 1975: O Salão da Casa-grande

Abstract

This paper presents a cut about the Clube Jaguareense in Jaguarão RS, it is about the last decades of operation of the entity, in view of its merger with Sport Club Cruzeiro do Sul in 1975. It is a work developed about the entity in question, since its foundation in 1881 and the previous entity created in 1852. The methodology used was qualitative, based on the analysis of newspapers and documents of the entity. The results achieved demonstrated the value of the entity as a monument, a document, and a support for memories. Specifically, this work highlights the entity's character as a racial marker in Brazilian society, considering the impossibility of having black people as members in the studied period.

Keywords: Social Club; Jaguareense Club; Racism.